

O PAPEL DA DISCUSSÃO EM GRUPO NA MUDANÇA DE ATITUDES DE FUTUROS PROFESSORES: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

NILVA CARMEN POSTAL BRISTOTI
Faculdade de Educação, UFRGS

Resumo

Pesquisa com o objetivo de investigar se o método de discussão em grupo promove mudança de atitude em futuros professores, e se a mudança de atitude frente a pessoas (criança, adolescente, adulto, velho) é maior no grupo mais jovem do que no grupo menos jovem. Os resultados mostraram que: a) o grupo menos jovem é o que mais muda de atitude em relação ao ADOLESCENTE, quando comparado ao grupo mais jovem; b) o grupo mais jovem é o que muda mais de atitude em relação ao ADULTO, quando comparado ao grupo menos jovem; c) o grupo mais jovem é o que mais muda de atitude em relação ao VELHO, embora com pequena diferença, quando comparado ao grupo menos jovem.

1 INTRODUÇÃO

Supõe-se que a ligação estreita e extensa experimentada diariamente por professor e aluno em sala de aula deva tornar a personalidade do professor uma influência decisiva na formação das características de personalidade da criança. Professores com idéias pré conceituosas são, na realidade, prejudiciais ao desenvolvimento pessoal de seus alunos. Sabemos que o professor pode estimular, dificultar ou evitar o desenvolvimento do aluno.

A autora agradece às Profas. Dras. Maria das Graças F. Feldens e Thereza Penna Firme pelas críticas pertinentes e cuidadosas.

Nesta perspectiva o estudo da psicologia educacional, como parte de um programa de educação de professores, deveria desenvolver no futuro professor interesse em pessoas: Crianças, adolescentes, adultos, velhos e ajudá-lo a reconhecer características próprias destas fases do desenvolvimento para poder melhor compreendê-los e com eles interagir. Deveria também ter um efeito favorável nas atitudes, comportamento e compreensão psicológica do aluno em suas relações pessoais e profissionais.

O que deve preocupar os educadores na formação do professor, além do conhecimento, é seu comportamento e suas atitudes fundamentais em relação a pessoas. Rogers (1972) por exemplo, considera que a imagem que a sociedade faz do adolescente é muito variada, indo de extremamente crítica à sentimental. O estereótipo menês favorável do adolescente tem uma estória antiga. Aparentemente os adultos, incluindo professores, tem visto o adolescente como uma geração perdida. Ainda segundo o citado autor, palavras escritas anonimamente associadas às palavras: Criança, adolescente, adulto, velho, mostram que as palavras associadas à adolescente tem sido predominantemente negativas, por exemplo:

Criança: precioso, pequeno, inocente;
adolescente: aloprado, cínico, frustrado;
adulto: maduro, estável, sério, burro;
velho: sábio, dependente, reservado.

Assim, acredita-se que o que deve preocupar na formação do professor, além do conhecimento, é seu comportamento e suas atitudes fundamentais em relação a pessoas. O futuro professor precisa não somente conhecer teorias, fatos, mas precisa também conhecer seus preconceitos e compreender implicações de seu trabalho como professor.

Assim, acredita-se que não basta simplesmente cursar a disciplina de psicologia educacional — desenvolvimento humano — ou mesmo terminar um curso de formação de professores para que esteja preparado para sua tarefa. Pensando nesta linha Bevan (1971) diz que educação é por fórmula, ou por receita? — um pouco de tudo. O diploma é o objetivo e o diploma é uma questão de horas/créditos e conceitos. Não é o conhecimento que a pessoa possui, mas o que está no histórico escolar que conta para a universidade, para o governo, para a maioria dos empregadores.

Segundo Davies (1967) a educação não é uma tour guiada através de critérios e conceitos, mas um processo total de mudança em pessoas. E o problema de educação de professores, como é visto nesta perspectiva, é um problema de relevância. A educação de professores deveria fazer diferença significativa na maneira em que professores **pensam, sentem, se comportam** como pessoas e como professores.

Para Hankins (1973, p. 153) a educação formal inclui mais que aprendizagem cognitiva e psicomotora, inclui a aprendizagem afetiva, isto é, os sentimentos e **atitudes** do aluno para com a escola, para com as outras pessoas: "Estamos interessados em eliminar certos tipos de discriminação e preconceitos, isto é, nas **atitudes** e na **mudança de atitudes** das pessoas"

O que é atitude? Atitude refere-se a uma organização duradoura de sentimentos e cognição em geral, dotada de carga afetiva pró ou contra um objeto definido, que predispõe a uma ação coerente com as cognições e afetos relativos a este objeto (Rodrigues, 1972, p. 397).

Para McDonald (1965) atitude é entendida como uma predisposição para agir de maneira positiva ou negativa para com pessoas, objetos, idéias e acontecimentos.

Se um indivíduo tem uma atitude positiva, digamos, em relação a crianças, isso é considerado uma disposição mental para sentir, pensar e estar inclinado a comportar-se de maneira positiva em relação a crianças. Cada atitude possui um componente cognitivo, afetivo e comportamental.

O componente cognitivo é caracterizado pela representação cognitiva do objeto. O conhecimento, a maneira de encarar o objeto, entre outros dados, constituem o componente cognitivo da atitude. Pessoas que exibem atitudes preconceituosas, por exemplo, têm uma série de cognições acerca do grupo que é objeto de sua discriminação.

O componente afetivo é o sentimento pró ou contra um determinado objeto ou classe de estímulos. É o componente mais nitidamente característico das atitudes sociais. Rosenberg (apud Rodrigues, 1972) demonstrou experimentalmente que os componentes cognitivos e afetivos das atitudes tendem a ser coerentes entre si.

O componente comportamental é explicitado pelo componente ativo, instigador de comportamentos coerentes com as cognições e os afetos relativos aos objetos atitudinais.

Em resumo, as atitudes contêm em si um elemento cognitivo. O objeto tal como é conhecido, um elemento afetivo, o objeto como alvo de sentimento favorável ou desfavorável, e um elemento comportamental que é a combinação de cognição e afeto como instigador de comportamentos, dadas determinadas situações (Rodrigues, 1972)

Sendo atitude um constructo, não pode ser diretamente observada, mas apenas inferida através de seus respectivos componentes: cognitivo, afetivo e comportamental..

Segundo a literatura, as atitudes são vistas como predisposições aprendidas e como tal são susceptíveis de modificação

Diferentes autores entre os quais Kretch, Crutchfield e Ballachey (1973), Gorman (1974) indicam que pode haver mudança nas atitudes. Esta ocorrerá se houver mudança: na participação no grupo, na situação do indivíduo, ou ainda do impacto da atuação de educadores e propagandistas. Segundo os autores já citados, uma atitude pode ser mudada através de nova informação dada pelo professor, colegas ou mesmo obtida de livros e dos meios de comunicação. Nesse sentido, a eficiência da nova informação, para mudança de atitude da pessoa, depende da maneira pela qual a fonte de informação é percebida, da maneira pela qual a informação é apresentada e das características do percebedor.

Por outro lado, Katz (1960) indica que uma atitude pode ser mudada através da experiência direta com o objeto da atitude, esta podendo ser através de participação vicária nas experiências relevantes e emocionais de outros através de casos, biografias, entre outros. Dessa experiência podendo resultar a aprendizagem de uma atitude positiva se a experiência é agradável.

A experiência direta na mudança de atitude, segundo Gorman (1974), é provavelmente a técnica mais efetiva desde que usualmente, causa uma mudança nos três aspectos da atitude: cognitivo, afetivo e comportamental.

A literatura reporta dentre os métodos utilizados em aprendizagem e/ou mudança de atitude a discussão em grupo, como sendo mais efetiva do que uma aula expositiva, visto que numa discussão a pessoa pode participar mais ativamente. Segundo Lewin (1974) e McKeachie (1954) numa discussão a pessoa não é afetada somente através do componente cognitivo mas também do comportamental. Gorman (1974) sugere como método eficaz para auxiliar alunos a formarem atitudes positivas o enfatizar as razões para uma determinada atitude. Pessoas que participam em discussão em grupos parecem não somente experimentar mais mudança, mas a mudança parece ser mais persistente (Hankins, 1973).

A mudança de atitude está em relação direta com a forma de trabalhar as informações em relação à atitude — objeto da mudança. A maneira pela qual a informação é apresentada determina, em linhas gerais, a modificação nos componentes atitudinais.

Rodrigues (1972, p. 431-432) comentando a respeito de autores que organizaram teorias sobre a mudança de atitude, coloca que os componentes cognitivo, afetivo e comportamental influenciam-se mutuamente em direção a um estado de harmonia e equilíbrio. Qualquer mudança

em um destes três componentes é capaz de modificar os outros. “Conseqüentemente, uma informação nova, experiência ou um novo comportamento emitido em cumprimento a normas sociais, ou outro tipo de agente capaz de prescrever comportamento, pode criar um estado de inconsistência entre os três componentes atitudinais de forma a resultar uma mudança de atitude”.

Rivera (1973) coloca que os valores e as atitudes das pessoas determinam seu comportamento. Mudanças de comportamento sucedem mudanças psicológicas em atitudes e valores. Reconhece-se a potencialidade do indivíduo de re-orientar-se quando confrontado com uma visão alternativa da realidade.

Adultos podem revisar suas atitudes e mudanças mensuráveis ocorrem em seu comportamento em períodos relativamente curtos.

Colocada a importância da psicologia educacional no preparo do professor e a importância da atitude, ou seja, da tendência para reagir favorável ou desfavoravelmente, do professor em relação a criança, ao adolescente, ao adulto e ao velho cabe agora enfocarmos o futuro professor.

O Futuro Professor

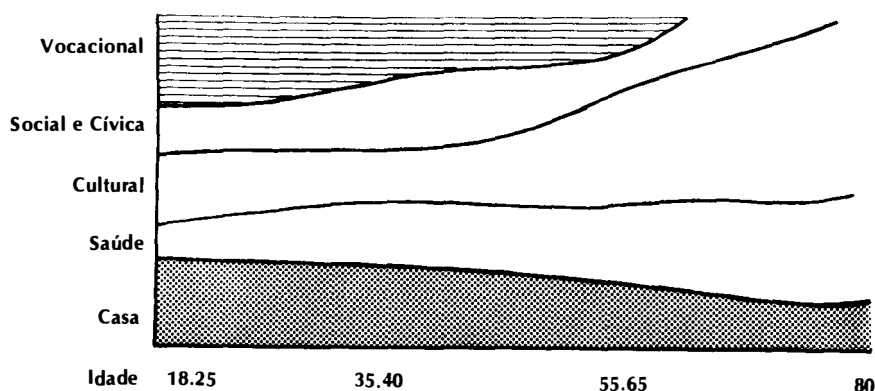
O futuro professor matriculado em cursos de ensino superior é um adulto. Knowles (1971) pergunta:

- O que motiva adultos a aprender?
- Em que os adultos diferem dos mais jovens no processo de aprendizagem?
- Que métodos posso usar a fim de ajudar pessoas a aprender melhor?

O citado autor, referindo-se a opinião do Dr. Thurman White, líder em educação de adultos, afirma que o jovem, ou o adulto jovem, está mais interessado em aprender coisas que contribuam para sua profissão e para seu lar. À medida que se torna relativamente seguro nestes aspectos, seus interesses tenderão a mudar na meia idade para incluir mais atividades cívicas e sociais, especialmente em papéis de liderança. Mais tarde, perto da aposentadoria, ele se torna mais interessado em aprendizagens ligadas a sua saúde e religião.

Knowles (1971) afirma que os adultos passam por ciclos etários conforme pode ser visto na FIGURA 1 e que ilustra o que foi exposto acima.

Figura 1 — Mudanças nos Interesses e preocupações dos adultos (Knowles, 1971)



O processo de aprendizagem dos adultos difere do processo de aprendizagem dos jovens, no sentido que há uma diferença em experiência acumulada, sendo igualmente menos dependentes das influências imediatas do ambiente, das experiências vicárias do professor, de especialistas e de livros.

Este fato nos alerta para a conveniência de se utilizar esta maior experiência de vida do aluno adulto, para ilustrar conceitos e teorias abordadas em aula.

Ainda segundo Knowles, o adulto difere dos mais jovens em sua prontidão para a aprendizagem. Neste sentido, a pesquisa indica que adultos, assim como crianças e adolescentes, têm suas fases de crescimento e conseqüente tarefas evolutivas. Isto implica numa maior prontidão para aprendizagem necessária para passar de uma fase de desenvolvimento para outra.

Havighurst (1974) divide a idade adulta em 3 fases: adulto jovem, adulto médio e adulto tardio e identifica as principais tarefas evolutivas de cada fase, que são as seguintes:

Adulto jovem (18-30 anos): selecionar um companheiro, aprender a viver com o cônjuge, começar uma família, criar os filhos, dirigir o lar, iniciar uma ocupação, assumir responsabilidades cívicas e encontrar um grupo social com interesses e atitudes similares às suas.

Adulto médio (30-60 anos): ajudar os adolescentes a tornarem-se adultos responsáveis e felizes, atingir responsabilidade cívica e social, alcançar e manter uma performance satisfatória na ocupação, desenvolver

atividades de lazer adultas, relacionar-se com o cônjuge como pessoa, aceitar e ajustar-se às mudanças fisiológicas de meia idade, ajustar-se a pais idosos

Adulto tardio (65 e mais): ajustar-se ao declínio da saúde e força física, ajustar-se à aposentadoria e à diminuição da renda, ajustar-se à morte do cônjuge, estabelecer uma afiliação explícita com o grupo de sua faixa etária, adotar e adaptar-se a papéis sociais de maneira flexível, estabelecer formas de viver (físicas) satisfatórias.

Este sistema de referência conceitual é útil para medir a interação das mudanças fisiológicas, psicológicas, sociais e econômicas à medida que transcorrem na vida do indivíduo, sendo úteis igualmente para a compreensão dos interesses, necessidades, diferentes capacidades, diferentes propósitos, expectativas e diferentes modos de aprender do aluno adulto.

O que os adultos perdem em declínio maturacional é compensado pelos estímulos ambientais. Segundo Huberman (1974) o que é perdido em raciocínio, velocidade e percepção é superado pela experiência e conhecimento.

Este sistema de referência conceitual tem relevância para o professor do ensino superior e especialmente para o professor do Curso de Pedagogia que se defronta com alunos de diferentes idades, visto que além dos alunos que ingressam através do vestibular, o curso conta com alunos que reingressam em busca de uma habilitação (em geral alunos pertencentes a uma faixa etária mais avançada).

Assim colocada a importância da psicologia educacional na preparação do professor, a importância da atitude do professor, motivação, diferenças no processo de aprendizagem do aluno adulto, propôs-se realizar um estudo específico sobre **atitudes e mudanças de atitudes** de futuros professores em relação a atitudes preconceituosas e estereotipais.

O objetivo primordial do presente trabalho foi verificar:

a) Se o método de discussão em grupo promove mudança de atitude em futuros professores.

b) Se a mudança de atitude frente a pessoas (criança, adolescente, adulto, velho) é maior nos mais jovens do que nos menos jovens.

2 METODOLOGIA

2.1 Sujeitos

Serviram como sujeitos para a presente experiência de ensino 32 alunas da disciplina Psicologia da Educação I, sendo 30 do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação e 2 alunas do Curso de Enfermagem da UFRGS, com idade média de 29 anos, variando de 18 a 45 anos.

O número real de alunos na disciplina era 41, sendo 2 do sexo masculino. Nove destes não compareceram ao pré ou pós-teste. Os dados coletados referentes a eles (pré ou pós-teste) não foram computados para fins da experiência.

2.2 Materiais

Livros de psicologia do desenvolvimento, artigos de revistas e textos organizados pela professora.

2.3 Procedimentos

O estudo constou de três fases distintas: na primeira fase, a professora, no primeiro dia de aula, colocou no quadro negro as palavras criança, adolescente, adulto, velho e solicitou aos alunos que escrevessem em uma folha de papel, fornecida individualmente pela professora, o que associavam a estas palavras. Foi solicitado também que informassem a idade. As palavras associadas à criança, adolescente, adulto e velho consistiram na medida para o pré-teste.

A segunda fase consistiu de atividades desenvolvidas ao longo do semestre letivo, estas atividades eram seguidas de discussão em grupo. Não houve critério para a formação dos pequenos grupos (5 ou 6 elementos cada), mas os membros destes variaram sempre, o que foi feito com a colaboração de todos os alunos.

A discussão em grupo acompanhou todo o desenvolvimento da disciplina. Idéias e experiências eram discutidas, mas igualmente as razões ou bases para uma atitude particular. Os alunos eram encorajados a avaliar criticamente as razões que eram oferecidas. Tentou-se envolver, nas discussões em grupo, tantos alunos quanto possível.

A terceira fase constou de pós-teste que consistiu das mesmas medidas do pré-teste.

2.3.1 Atividades Desenvolvidas

A disciplina desenvolveu-se durante um semestre letivo, com 2 encontros semanais de 2 horas, perfazendo um total de 60 horas/aula.

O programa desenvolvido foi psicologia do desenvolvimento abrangendo desde a fase pré-natal até a velhice.

As atividades desenvolvidas foram:

a) em relação à nova informação — através de aulas expositivas seguidas de estudo de livro texto, ou de textos, organizados pela professora, em grupos de 5 ou 6 elementos cada. Os pequenos grupos eram instruídos no sentido de lerem e debaterem o material. Ao término do trabalho nos pequenos grupos, o assunto sob estudo, era discutido no grande grupo.

b) em relação à nova informação e experiência direta com o objeto de uma atitude — Observação e levantamento de dados da realidade:

— **observações**, algumas participadas, em creches, jardins de infância, praças e escolas de 1º grau;

— **entrevistas** semi estruturadas com adolescentes e/ou seus pais.

Um relatório escrito descrevendo a experiência era entregue a professora. Cada aluno pode optar por uma atividade envolvendo crianças ou por uma atividade envolvendo adolescentes e/ou seus pais.

As experiências diretas com crianças, adolescentes e/ou seus pais, de níveis sócio-econômico médio e baixo, eram discutidas no grande grupo. Cada aluno ou pequeno grupo (máximo 3) era responsável pelo planejamento, execução e relatório da experiência. Assim esta atividade pode ser individual ou grupal (máximo 3 elementos).

Além da experiência direta com crianças, adolescentes e/ou pais, os alunos participaram vicariamente em experiências relevantes de outros através de relatos de casos (Axline, 1974 p. 285-287; Cartas a uma professora, 1972 p. 21-22);

— **seminários** sobre tópicos das unidades programadas em pequenos grupos. Toda a classe se preparava para os seminários com leituras básicas sugeridas, cabia aos responsáveis pelo seminário aprofundar o tema e coordenar a discussão no grande grupo.

Ao término do semestre letivo, ou seja, no último dia de aula, os alunos da disciplina foram submetidos ao pós-teste que consistia das mesmas medidas do pré-teste.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Aos dados referentes ao pré e ao pós-teste foi atribuída conotação positiva (+) ou negativa (-), ou seja, se a palavra associada a criança tinha reconhecidamente conotação positiva era atribuído o sinal +, se tinha reconhecidamente conotação negativa era atribuído o sinal -, e assim foi feito para cada palavra associada com adolescente, adulto e velho para cada sujeito.

Para a determinação da conotação + ou - a cada palavra associada foi usado o julgamento de 3 juízes, especialistas em desenvolvimento humano que atribuíram isoladamente sinal + ou - às respostas do pré e do pós-teste de cada sujeito. O índice de concordância entre os juízes foi de 100% em todas as conotações atribuídas.

Inicialmente, foi tentada uma análise de conteúdo, mas o número elevado de categorias a serem criadas e a pouca informação fornecida a respeito da atitude para com estes grupos etários levou a modificar o método de análise e optou-se por Conotação positiva (+) ou negativa (-), estando esta caracterização mais de acordo com o que o estudo buscava.

Os dados da TABELA I mostram o antes e o depois, ou seja, o sinal atribuído à atitude em relação a criança no início da disciplina e o atribuído ao final da disciplina. Pode-se notar que 96% das respostas (N=32) tinham conotação positiva no pré-teste e assim permaneceram no pós-teste. A mudança ocorrida foi somente de 3%, uma atitude que mudou de negativa (-) para positiva (+). Foi atribuída conotação positiva às seguintes respostas: imaginação, carinho, espontaneidade, felicidade, sonho, musicalidade, amor, alegria, beleza, pureza, brinquedos, afeto, risos, ternura, jardim, compreensão, vida, fase colorida da vida, animaizinhos, pracinha, traquinagem, satisfação, meiguice, liberdade, período de descoberta das coisas e de si mesmo.

As respostas que receberam conotação negativa foram indefesa, assustada, pertencentes a um mesmo sujeito.

Pode-se notar que a atitude, neste grupo estudado, em relação a criança é francamente positiva.

As respostas continham uma palavra ou várias palavras e várias das respostas eram iguais, o mesmo sucedendo com as palavras associadas a adolescente, adulto e velho. A atribuição da conotação positiva (+) ou negativa (-) foi facilitada, visto que mesmo nas respostas com várias palavras todas elas tinham conotação positiva ou negativa, o mesmo sucedendo com as palavras associadas à adolescente, adulto e velho.

TABELA I – Distribuição das respostas dos sujeitos antes e depois do tratamento. Palavras associadas à CRIANÇA (N=32)

ANTES	DEPOIS	N.º	%
+	-	0	0
+	+	31	96
-	-	0	0
-	+	1	3

Em relação a palavra ADOLESCENTE foi atribuída conotação positiva às seguintes respostas: música pop, calça lee, procura se encontrar, afirmação, luta pela individualidade, auto-afirmação, ânsia de viver, busca, poster, coragem, moto, assumir, necessidade de afirmação, passeio, descoberta, amor, desembaraço, compreensão, esperança, idealismo, busca o amor, liberdade, flores, jogo de futebol, futuro, livros, namorado, necessidade de compreensão, tentativa de sair da dependência de seus pais, grupo de amigos, em fase de socialização, definição, esportes, sexo, estudo, se encontrando, vida, descoberta felicidade, afeto, alegria, sonhos, procura seu caminho, busca de identidade, experimenta diversos papéis, busca independência, procura conhecer a si mesmo, idealiza, telefonemas, festas, descoberta de si mesmo.

As respostas que receberam conotação negativa foram: inconseqüente, angústia, medo, contradição, frustrações, só insegurança, só problemas, que horror!

A TABELA II mostra os dados referentes ao adolescente. Ao considerarmos o grupo como um todo (N=32) constata-se que 37% tem atitudes negativas em relação ao adolescente, inicialmente. Por outro lado, nota-se que 34% das atitudes mudaram de atitude negativa (-) para atitude positiva (+).

Os dados relativos a antes do tratamento confirmam a observação de Rogers (1972) quando afirma que o grupo adolescente é o que é percebido de forma mais negativa, estereotipadamente pelos adultos, quando comparado aos outros grupos etários. O adolescente no pré-teste tem a percentagem negativa mais alta (37%), quando comparado a percentagem da criança (3%), do adulto (18%) e do velho (34%).

Por outro lado, os dados também mostram, que pessoas expostas a nova informação e a experiência direta com adolescentes e o método de ensino principal é a discussão em grupo, modificam suas atitudes de forma positiva em relação ao objeto da atitude.

TABELA II — Distribuição das respostas dos sujeitos antes e depois do tratamento. Palavras associadas a ADOLESCENTE (N=32)

ANTES	DEPOIS	Nº	%
+	-	1	3
+	+	19	59
-	-	1	3
-	+	11	34

Para efeito de análise dos dados, separaram-se os sujeitos em dois grupos: os mais jovens de 18 a 24 anos (11 sujeitos) e os menos jovens de 28 a 45 anos (18 sujeitos).^a Adotou-se este critério etário baseado em autores que situam o fim da adolescência e a idade adulta em diferentes idades. O final da adolescência é situado aos 22 anos (Pikunas, 1969) aos 21 anos (Pedrosa, 1976), aos 14 anos (Marques, 1979). A idade adulta situa-se dos 20-22 aos 30-35 anos — adulto jovem — e dos 30-35 aos 45-50 anos — adulto médio (Pikunas, 1969), dos 18 aos 30 anos — adulto jovem e dos 30 aos 60 anos — adulto médio (Havighurst, 1974), dos 18 aos 30 anos — adulto jovem e dos 30 aos 42 anos — o vigor da vida (Sears & Feldman, 1975), dos 21 aos 45 anos — adulto jovem (Pedrosa, 1976) e dos 25 anos aos 40 — adulto jovem (Mosquera, 1978).

Percebe-se não haver concordância entre os autores quanto ao início e término da adolescência e da idade adulta. Assim um critério arbitrário para separar os grupos foi utilizado.

O critério etário foi usado somente para efeito de separação dos grupos, uma vez que a idade cronológica é apenas um indicador prático para demarcar a adolescência e a idade adulta dentro de uma escala de idades. Por outro lado, os sujeitos desta experiência dividiam-se naturalmente em dois grupos, de 18 a 24 anos e de 28 a 45 anos, não havendo nenhum sujeito com idades de 25 a 27 anos.

^a Ao separarem-se os grupos perderam-se 3 sujeitos que não declararam a idade.

Analisados separadamente por grupo etário, os resultados mostram que o grupo mais jovem tem para com o adolescente inicialmente uma atitude mais positiva, embora com diferença muito pequena, 63% comparados a 61% do grupo menos jovem (TABELA III). Entretanto, verifica-se que houve maior mudança de atitude negativa (-) para positiva (+) no grupo menos jovem (38%) comparado ao grupo mais jovem (27%). Este, ao mesmo tempo que muda de atitude negativa para positiva (27%), muda também de atitude positiva para negativa (9%) e ainda parte do grupo (9%) não muda de atitude negativa.

Estaria esta atitude inicial, mais positiva do grupo mais jovem, relacionada a uma maior identificação com o adolescente? ou ao fato de sentirem o adolescente mais próximo? Parte da explicação pode estar em que alguns dos sujeitos encontram-se ainda na fase da adolescência, ou dela não estão muito distantes. O fato de estar mais próximo do adolescente, ou mesmo ainda nesta fase, impediria uma maior mudança de atitude em relação ao adolescente? O fato de conhecer, sentir, estar experienciando esta fase torna a pessoa menos influenciável a nova informação? a experiência direta? a experiência vicária? ao método de ensino? a todos estes fatores em conjunto?

Por outro lado, parte da explicação pode estar na prontidão para a aprendizagem, ou seja, para o adulto jovem deste grupo sob estudo, na faixa etária dos 18 aos 24 anos, mudar de atitude em relação ao adolescente não é tão importante, porque eles estão interessados em avançar de uma fase de desenvolvimento para outra e o entender melhor e auxiliar o adolescente em seu desenvolvimento, não é no momento, uma de suas tarefas evolutivas, esta pertence ao grupo menos jovem (Havighurst, 1974). Quanto ao grupo menos jovem, os dados parecem indicar que, quando este grupo é posto em contato com o adolescente, ou através de informação sobre suas características, ou através de experiência direta, ou seja, por meio de entrevistas semi-estruturadas, conversas informais, ou mesmo de forma vicária, e tem oportunidade de discutir informações, experiências, atitudes, razões em grupo, muda sua atitude em relação ao adolescente. Assim, parece que métodos de ensino que visam promover mudança de atitudes, em futuros professores, são recomendáveis, uma vez que atitudes preconceituosas, estereótipos em relação a qualquer grupo, dificultam, prejudicam ou, mesmo, impedem a interação, compreensão e colaboração entre pessoas. Este aspecto é de especial relevância e importância na interação professor-aluno, uma vez que atitudes preconceituosas, estereótipos podem prejudicar ou mesmo impedir o desenvolvimento pessoal do aluno.

Entretanto, indaga-se por que o grupo menos jovem mudou mais de atitude em relação ao adolescente, quando comparado ao grupo mais jovem? O fato de estar mais distanciado, cronologicamente, do adolescente torna as pessoas mais flexíveis, após terem sido expostas a nova informação, em relação ao adolescente? promove uma maior mudança de atitude em relação ao adolescente?

Novamente, parte da explicação pode estar nas tarefas evolutivas sugeridas por Havighurst (1974), que coloca como tarefa do grupo por ele denominado de meia idade (30-60), o ajudar adolescentes a tornarem-se adultos felizes e responsáveis. Desta maneira, o adulto menos jovem está realizando satisfatoriamente uma tarefa evolutiva, ou seja, esta é a época para pais e professores cooperarem com o adolescente, ajudá-lo a completar com êxito sua tarefa evolutiva, que é o tornar-se adulto.

Além desta tarefa evolutiva, os dados parecem apontar também para a realização de outra tarefa — atingir responsabilidade social e cívica. Nesta tarefa, lembra-se igualmente das tarefas psicossociais propostas por Erikson (1971), nas quais a generatividade, oposta a um sentido de estagnação, se caracteriza pelo “gerar”, não no sentido de procriar, mas o de garantir a geração seguinte esperanças e condições para prosseguir. Isto inclui a responsabilidade como pai ou mãe, a responsabilidade como professor, como cidadão, é o oposto da absorção em si mesmo.

TABELA III — Distribuição das respostas dos sujeitos mais jovens e menos jovens antes e depois do tratamento. Palavras associadas a ADOLESCENTE

Antes	Depois	sujeitos mais jovens (n=11)		sujeitos menos jovens (n=18)	
		Nº	%	Nº	%
+	-	1	9	0	0
+	+	6	54	11	61
-	-	1	9	0	0
-	+	3	27	7	38

Para as palavras associadas ao ADULTO foi atribuída conotação positiva às seguintes respostas: responsabilidade, realidade, profissão, vocação, plenitude, maturidade, compreensão, trabalho, preocupação, autoridade, amizade, amor, esforço, seriedade, progresso, meu marido, segurança, realização, casa, estabilidade emocional e financeira, tomar decisões por si, capaz de proteger e se dar, assume a sua individualidade e faz opções conscientes, família, vida em família, criação de filhos, capaz

de fundir sua identidade com a de outro, busca da estabilidade financeira, afeto em família, preocupação com os problemas sociais, casamento, experiência, responsável, abnegação, sendo de humor, cultura, enfrentando a realidade, identidade a dois, possibilidade de fracasso, busca, encontro.

As seguintes respostas receberam conotação negativa: incompreensível, incapaz de ações espontâneas, incapacidade para a felicidade, desencaminhado, ódio, só problemas, só decepções, fracassos, adeus às ilusões.

Ao analisarem-se os dados relativos ao adulto (TABELAS IV e V) constata-se que quando se considera o grupo total de alunos (TABELA IV), a atitude para com o adulto é predominantemente positiva (81%) e dos que têm uma atitude negativa para com o adulto, no início da disciplina (18%), 15% destes mudam de atitude ao término da disciplina.

TABELA IV – Distribuição das respostas dos sujeitos antes e depois do tratamento. Palavras associadas a ADULTO (N= 32)

ANTES	DEPOIS	Nº	%
+	-	1	3
+	+	25	78
-	-	1	3
-	+	5	5

Ao comparar-se o grupo mais jovem com o menos jovem (TABELA V), verifica-se que a atitude, antes do tratamento, para com o adulto é, embora a diferença seja muito pequena, mais positiva no grupo menos jovem (82,5%), comparado a 81% no grupo mais jovem. Por outro lado, o grupo mais jovem é o que muda mais de atitude em relação ao adulto (18%), desta maneira, tendo para com o adulto, ao final da disciplina, uma atitude 100% positiva. A mudança de atitude no grupo menos jovem é de 11% de negativa para positiva, de 5,5% de positiva para negativa e 5,5 que não muda de atitude negativa.

Nota-se que embora a atitude para com o adulto, no grupo menos jovem, seja predominantemente positiva (77%), do início ao final da disciplina, repete-se na atitude para com o adulto o que ocorreu na atitude para com o adolescente. O grupo mais afastado, cronologicamente, é o que mais muda de atitude. Por que o grupo mais jovem mudou mais de atitude em relação ao adulto, quando comparado ao grupo menos jovem?

Parece que parte da explicação está, novamente, na prontidão para a aprendizagem. O adulto jovem deste grupo (18-24 anos) deseja avançar de uma fase de desenvolvimento para outra e o conhecer melhor o adulto, para poder ele mesmo avançar seu desenvolvimento, é importante. O grupo mais jovem está interessado em si mesmo. Segundo Havighurst (1974), nesta fase as pessoas estão motivadas a aprender rapidamente. Este é um período individualista e solitário, no sentido de que o indivíduo, ou dois indivíduos, precisam prosseguir com um mínimo de atenção social e assistência em suas tarefas evolutivas.

TABELA V — Distribuição das respostas dos sujeitos mais jovens e menos jovens antes e depois do tratamento. Palavras associadas a ADULTO

Antes	Depois	sujeitos mais jovens (n=11)		sujeitos menos jovens (n=18)	
		Nº	%	Nº	%
+	-	0	0	1	5.5
+	+	9	81	14	77
-	-	0	0	1	5.5
-	+	2	18	2	11

Para as palavras associadas ao VELHO foi atribuída conotação positiva às seguintes respostas: netos, carinho, experiência, ternura, saudade, lentidão, realização, rugas, lembranças, tranqüilidade, quietude, meditação, compreensão, muita ternura, sossego, tranqüilidade, bondade, recordações, calma, vivência, jornais, surpresa com as novidades, riqueza de experiências, plenitude, serenidade, mais tempo para o lazer, dedicação, dias calmos, família, jardim, animais, leitura, bate papo, curiosidade ante o mundo em mudança, alegria dos netos e dos animais.

As respostas que receberam conotação negativa foram: triste, insatisfeito, regressão, caduco, vida vegetativa, sem ideal, depressão, fase triste da vida, abandono, dor, tristeza, só reumatismo, solidão, sem ação, sem ideal, doença, estorvo.

Ao analisarem-se os dados relativos ao velho (TABELAS VI e VII) constata-se que ao considerar-se o grupo como um todo (TABELA VI), a atitude para com o velho, no início da disciplina, era mais positiva (65%) do que negativa (34%). Nota-se que ao final da disciplina, ocorreu mudança de atitude de negativa para positiva (25%), de positiva para negativa (9%) e a não mudança de atitude negativa (9%).

TABELA VI — Distribuição das respostas dos sujeitos antes e depois do tratamento. Palavras associadas a VELHO (N=32)

ANTES	DEPOIS	Nº	%
+	-	3	9
+	+	18	56
-	-	3	9
-	+	8	15

Analisados separadamente por grupo etário (TABELA VII), os dados mostram que o grupo mais jovem têm para com o velho, inicialmente, uma atitude bem mais positiva (81%) comparado à do grupo menos jovem (61%). Entretanto, verifica-se que ocorreu mudança de atitude para com o velho e esta parece de certa maneira ser maior no grupo menos jovem (27%), comparado à 18% no grupo mais jovem. Entretanto, nota-se, igualmente, que no grupo menos jovem ocorreu mudança de atitude positiva para negativa (11%) e também que 11% dos sujeitos não mudaram de atitude negativa. Quanto ao grupo mais jovem a mudança de atitude ocorrida é somente de negativa para positiva. Assim, parece que ainda é o grupo mais jovem que muda mais de atitude em relação ao velho, embora com pequena diferença.

O fato do grupo mais jovem, de certa maneira, mudar mais de atitude em relação ao velho, quando comparado ao grupo menos jovem, pode estar indicando a ambivalência deste grupo quanto à “aceitação e ajustamento as mudanças fisiológicas da meia idade”, que é uma das tarefas evolutivas propostas por Havighurst (1974) para esta fase (30-60 anos). O indivíduo nesta fase começa a tomar consciência que a seguir virá a velhice. A aceitação da velhice talvez seja um problema para este grupo.

Entretanto, ao considerarem-se os dois grupos, os resultados indicam que programas de treinamento para modificação de atitudes em relação ao velho, no sentido de tornarem a velhice mais conhecida, mais compreendida e talvez menos solitária para tantos, seja uma das tarefas que venham a exigir mais envolvimento por parte dos educadores.

TABELA VII — Distribuição das respostas dos sujeitos mais jovens e menos jovens antes e depois do tratamento. Palavras associadas a VELHO

Antes	Depois	sujeitos mais jovens (n = 11)		sujeitos menos jovens (n = 18)	
		Nº	%	Nº	%
+	-	0	0	2	11
+	+	9	81	9	50
-	-	0	0	2	11
-	+	2	18	5	27

Este estudo de natureza descritiva e exploratória apresenta limitações devido à ausência de controle quanto ao tipo de mudança relacionada com determinado tipo de tarefa, ou seja, não está explicada a relação entre mudança de atitude ocorrida e tipo de atividade desenvolvida com crianças, com adolescentes ou com adultos.

Por outro lado, poderia questionar-se: as mudanças observadas decorreram em função da nova informação? da experiência direta? da experiência vicária? da discussão em grupo? de todos estes fatores em conjunto?

O que teria provocado, efetivamente, a mudança de atitude, no que se refere as tarefas realizadas durante a disciplina?

Futuras investigações, nesta linha, deveriam controlar o tipo de atividade desenvolvida para poder estabelecer relação com a mudança de atitude observada e assim, poder constatar quem muda mais de atitude, por exemplo em relação ao adolescente, os que tiveram experiência com crianças, os que tiveram experiência com adolescente, os que tiveram experiência com adultos?

No presente estudo, as mudanças ocorridas serão duradouras?

Os resultados desta experiência de ensino, tendo presente as limitações e embora somente aplicáveis ao grupo sob estudo, parecem indicar a eficiência, importância e relevância do estudo da psicologia educacional como parte de um programa de educação de professores, que vise promover um maior entendimento, uma maior compreensão e um melhor relacionamento entre gerações e entre diferentes grupos.

Este melhor relacionamento entre gerações e entre diferentes grupos pode abranger a seleção e treinamento de professores que percebem o ensinar como uma atividade de relações humanas, oposta à mera transmissão de conhecimento

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AXLINE, V. M. **Dibs - em busca de si mesmo**. Rio de Janeiro, Agir, 1974.
2. BEVAN, W. Higher education in the 1970's: a once and future thing. **American Psychologist**, 26(6):537-45, 1971.
3. CARTAS a una professora: alunos de Barbiana. Montevideo, Marcha/Shapira Ed., 1972.
4. DAVIES, D. A search for relevancy. **Theory into Practice**, 6(5):215-9, 1967.
5. ERIKSON, E. H. **Infância e sociedade**. Rio de Janeiro, Zahar, 1971.
6. GORMAN, R. M. **The psychology of classroom learning**; an inductive approach. Columbus, Charles E. Merrill, 1974.
7. HANKINS, n. E. **Psychology for contemporary education**. Colombus, Charles D. Merrill, 1973.
8. HAVIGHURST, R. J. **Developmental tasks and education**. New York, David Mckay, 1974.
9. HUBERMAN, M. Looking at adult education from the perspective of the adult life cycle. **International Review of Education**, 20(2):117-37, 1974.
10. KATZ, D. The functional approach to the study of attitudes. **Public Opinion Quarterly**, 24:163-204, 1960.
11. KNOWLES, M. S. The leader looks at the learning climate. In: LIPPITT, G. L. et alii, ed. **Optimizing human resources**. Menlo Park, Addison-Wesley, 1971.
12. KRECH, D.; CRUTCHFIELD, R. S.; BALLACHEY, E. L. **O indivíduo na sociedade**. São Paulo, Pioneira, 1973.
13. LEWIN, K. Group decision and social change. In: NEWCOMB, T. H. & HARTLEY, E. L., ed. **Readings in social psychology**. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1974.
14. MARQUES, J. C. **Compreensão do comportamento**. Porto Alegre, Globo, 1979.
15. McDONALD, F. J. **Educational psychology**. Belmont, Wadsworth, 1965.
16. McKEACHIE, W. J. Individual conformity to attitudes of classrrom groups. **Journal of Abnormal and Social Psychology**, 49(2):282-9, 1954.
17. MOSQUERA, J. J. M. **Vida adulta**; personalidade e desenvolvimento. Porto Alegre, Sulina, 1978.
18. PEDROSA, C. **La psicologia evolutiva**. Madrid, Marova, 1976.
19. PIKUNAS, J. **Human development: a science of growth**. New York, McGraw-Hill, 1969.
20. RIVERA, W. Mc. Entrepreneurial achievement or social action? differing rationales of adult education programs for value and attitudinal change. **International Review of Education**, 19(4):419-31, 1973.
21. RODRIGUES, A. **Psicologia social**. Rio de Janeiro, Vozes, 1972.
22. ROGERS, D. **The psychology of adolescence**. New York, Appleton-Century Crofts, 1972.
23. SEARS, R. R. & FELDMAN, S. S. **As 7 idades do homem**. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

Abstract

The purpose of the study was to investigate the effectiveness of group discussion as a method for changing student teachers' attitudes towards children, adolescents and elderly people. The results of the study indicated that (a) the oldest student-teachers changed their attitudes towards the ADOLESCENTS in a higher degree as compared to the youngest group of student-teacher; (b) the youngest group of student-teachers changed their attitudes towards the ADULTS in a higher degree as compared to the oldest group; (c) the youngest group of student-teachers changed their attitudes towards the ELDERLY PEOPLE in a higher degree as compared to the oldest group, however, this difference was very low.